

Comunicação marxista na era digital: uma análise das estratégias discursivas de Ian Neves e Jones Manoel¹

Bruno Paiva²

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Analisa estratégias discursivas de Ian Neves e Jones Manoel no YouTube, explora como combatem falácias anticomunistas e expandem ideias socialistas na era digital. Fundamentado em Gramsci, o estudo examina vídeos de maior engajamento e utiliza mecanismos da análise de conteúdo e discurso. Os resultados mostram que ambos utilizam de experiência pedagógica e retórica fundada no materialismo histórico dialético: Ian evidencia falsas equivalências entre comunismo e fascismo; Jones reivindica o legado de Che Guevara contextualizando acusações e incorporando autocritica. Ambos discursos têm a luta de classes como central. Suas abordagens se utilizam táticas do ferramental gramsciano, como reforma intelectual e moral, disputando a ocupação de espaços digitais dominados pela direita.

Palavra-chave: comunicação marxista; ocupação de espaços; plataformas digitais; extrema direita; militância.

Introdução

Este artigo examina o discurso de dois comunicadores marxistas, Ian Neves e Jones Manoel, a partir do vídeo mais visualizado de cada um no YouTube. Os vídeos, de 2018 (Jones) e 2022 (Ian), refletem momentos distintos na disputa ideológica digital. Jones aborda a “controvérsia” da figura de Che Guevara³, enquanto Ian discute o antagonismo comunismo-fascismo⁴. Esses vídeos exploram, de formas distintas, o potencial de discursos marxistas para responder a falácias e ampliar o alcance de ideias socialistas em um contexto de plataformação da comunicação.

As conjunturas eram distintas. O vídeo de Jones (2018), foi produzido em um contexto político no Brasil marcado por um intenso debate anticomunista e pela iminente eleição de Jair Bolsonaro. Já o de Ian (2022) emerge quando a comunicação marxista estava levemente mais consolidada, no ano da derrota de Bolsonaro e eleição de Lula.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação da Linha de Pesquisa Processos Comunicacionais e Interfaces Sociais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: brunopaivadesouza2@gmail.com.

³ “Che Guevara: monstro ou herói revolucionário?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2cFscxhhwxE>. Acesso em: 19 jun. 2025.

⁴ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Karwahi e Grohmann (2024, p. 3, tradução nossa) argumentam que “mesmo com o fortalecimento de uma extrema-direita no Brasil (ou por causa dela), uma cena de produtores culturais marxistas dependentes de plataformas surgiu no país”.

Ambos são professores de História, mas com diferentes trajetórias e identidades. Jones, homem negro pernambucano, foi um dos pioneiros no conteúdo comunista na internet. Ex-militante do PCB (expulso em 2023), participou da fundação do PCBR em 2024. Já Ian, homem branco e paulistano, representa uma nova geração de comunicadores marxistas influenciada por Jones e outros, como Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes. Junto a outros militantes, fundou o coletivo marxista-leninista Soberana⁵.

A análise busca entender como estruturam argumentos e engajam o público, adaptando a visão marxista à dinâmica das redes. Destaca-se a importância de táticas argumentativas de enfrentamento ao senso comum para a comunicação contra-hegemônica e o papel que pode ter a disputa das plataformas na luta para a construção de um “senso revolucionário”.

Fundamentação Teórica

Para este artigo, o conceito de hegemonia (Gramsci, 1999) é central para analisar estratégias discursivas de comunicadores marxistas na disputa hegemônica digital.

No entender de Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrelaços de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. (Moraes, 2010, p. 54).

Esses comunicadores atuam na disputa hegemônica nas redes, influenciados, direta ou indiretamente pela teoria de Gramsci (1999), especialmente na luta pela hegemonia e disputa do “senso comum”. Os comunicadores buscam contrapor-se com uma versão crítica desse senso comum, o que Gramsci (1999) chama de bom senso.

Grespan (2021, p. 45-46), com base em Marx, define ideologia como a “invenção de ideias que tomam a parte pelo todo, ideias que, por exemplo, generalizam a perspectiva de uma classe para todas as demais classes da sociedade”. Como afirmam Marx e Engels (2007, p. 47), as “ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes,

⁵ Coletivo marxista-leninista que tem como premissa ocupar as redes: “nosso projeto consiste em utilizar a internet para fomentar a organização dos trabalhadores, o avanço da consciência política, a divulgação e a capilarização do marxismo-leninismo no cotidiano de toda a classe” (Manifesto apud Amâncio, 2022, p. 116-117).

isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante”. A análise da sociedade para Marx e Engels (2017, p. 14) ocorre pela luta de classes: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. Esse conceito permeia toda a obra marxiana, pois a história é central para o método de análise materialista.

É fundamental para esta análise ter em mente que a hegemonia opera através dos aparelhos privados de hegemonia, que Coutinho (1992, p. 77) define como “organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política”. Plataformas como YouTube podem ser entendidas como novos aparelhos desse tipo. Neles, comunicadores marxistas como Ian e Jones, que podem ser entendidos como “intelectuais orgânicos” (Coutinho, 1992), ligados aos interesses da classe trabalhadora, buscam subverter a hegemonia capitalista e disputar esses espaços.

A perspectiva contra-hegemônica é fundamental para discutir sua atuação.

Gramsci [...] situa as ações contra-hegemônicas como “instrumentos para criar uma nova forma ético-política”, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista (Moraes, 2010, p. 73).

Essa comunicação contra-hegemônica enfrenta o desafio de adaptar-se à plataformização, conceito que Dijck, Poell e Nieborg (2020) definem como a “reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas”. Ao entrarem nesse ecossistema, os comunicadores marxistas lidam com dinâmicas algorítmicas e métricas comerciais, enfrentando uma contradição inerente ao trabalho ideológico no capitalismo.

João Carvalho, outro comunicador marxista, argumenta que sua função é ocupar espaços nas plataformas, alinhando-se à disputa hegemônica gramsciana.

Os aparelhos de comunicação estão na mão da burguesia e eles são usados pela burguesia para manter o status quo, e cabe a nós subvertê-los. Tem uma longa tradição: isso já vem sendo feito desde Marx com seus panfletos, com Engels em “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, que, hoje em dia é um dos livros mais vendidos, introdutório para o comunismo. Aquilo eram três capítulos de um livro grande que eles falaram “isso aqui é muito bom para a formação. Vamos meter em panfletos? Vamos traduzir”? Por que Lênin trabalhava com o jornal? Por que o jornal era barato e chegava na classe trabalhadora. Então, eu falo brincando que Lênin, se tivesse vivo hoje, seria Tik Toker. Ele estaria fazendo a “dancinha do tubarão”, porque a gente tem que estar em todos os espaços. Em política não existe espaço vazio. Se esse espaço fica vazio, ele vai ser ocupado por outra coisa. (Carvalho, 2022).

Essa perspectiva ecoa em Karhawi e Grohmann (2024, p. 4, tradução nossa): “em relação às plataformas de mídia social, isso significa que os produtores culturais marxistas ocupam um espaço que não lhes pertence – ao contrário, por exemplo, da imprensa operária na tradição marxista”. Os autores usam o termo “produtor cultural marxista” para distanciar-se do conceito de “influenciador”, termo enraizado na lógica das plataformas e alinhado à hegemonia cultural.

Amâncio (2022) discute que esses comunicadores, embora não formalmente conectados em termos organizacionais, formam uma rede discursiva compartilhada sustentando um horizonte comum. Ele define “comunicador marxista” como alguém que atua, prioritariamente, no cenário platformizado, também os identificando como intelectuais em potencial no sentido gramsciano: “ainda que os comunicadores brasileiros sejam quase todos ligados a partidos e atuantes em coletivos ou sindicatos, sua possível função intelectual não parece estar condicionada tão fortemente a uma estrutura centralizada clássica” (Amâncio, 2022, p. 49).

Outra questão importante para a fundamentação teórica e metodológica desta pesquisa é o conceito de engajamento, entendido como elemento essencial na disputa política, com base na perspectiva apresentada por Bastos (2022). Ele argumenta que

[...] considerando as classes que concretamente articulam projetos de mundo para o conjunto da sociedade na práxis [...], a burguesia e o proletariado, esse engajamento pode tanto servir para sustentar a hegemonia vigente ou possibilitar substrato sensível para a construção da hegemonia popular. (Bastos, 2022, p. 2).

Essa linha argumentativa destaca a importância do engajamento na disputa pela hegemonia, o que justifica a escolha do *corpus* como tal.

Metodologia

A metodologia envolve análise de conteúdo do vídeo mais popular de cada canal do YouTube de Ian Neves e Jones Manoel, utilizando ferramentas digitais. A escolha do *corpus* fundamenta-se na potencialidade do engajamento como instrumento de disputa hegemônica (Bastos, 2022).

Primeiramente, os vídeos foram transcritos pela extensão *Transcribe YouTube Videos* – *YTScribe* para o Google Chrome, que gera transcrições a partir das legendas automáticas. Realizou-se correção de termos identificados incorretamente. A ferramenta *Voyant Tools* foi utilizada para identificar e visualizar temas recorrentes, permitindo quantificação. Essa combinação permite mapeamento inicial dos temas.

Foram analisados nove temas principais em Ian Neves e onze em Jones Manoel. Essa diferença resultou dos critérios: para Ian, selecionaram-se temas com mais de dez menções; para Jones, poucos atingiram esse critério. Optou-se por nove temas recorrentes em Ian, mas ao tentar igualar para Jones, o último tema empatou com outros dois, resultando em onze. Palavras como “gente”, “né”, “então”, “tá” e “só” foram excluídas.

A metodologia é híbrida, combinando análise de conteúdo e análise do discurso. Inicialmente, emprega-se análise de conteúdo inspirada em Bardin (2016), priorizando-se uma “leitura exploratória” com objetivo de uma compreensão preliminar, seguida de categorização de temas e estratégias discursivas predominantes nos vídeos selecionados. Em seguida, aprofunda-se com análise do discurso, interpretando elementos discursivos mais detalhadamente, focando em como estruturam argumentos e mobilizam retóricas para construir narrativas contra-hegemônicas. Não se busca meramente quantificar ou dividir mecanicamente. Adota-se abordagem subjetiva, inspirada em Orlandi (2007), que reconhece a importância da subjetividade do pesquisador.

Na etapa de análise do discurso, inspira-se em Fairclough (2012) e Orlandi (2007). Fairclough oferece base para entender como esses discursos se relacionam com estruturas de poder, e pela “interdiscursividade” observa-se como elementos de diferentes discursos se entrelaçam para contestar narrativas dominantes. Complementarmente, Orlandi enfatiza o materialismo histórico dialético, propiciando leitura do discurso em sua materialidade social, considerando condições históricas e relações de classe.

Análise e Discussão

Para a análise, serão considerados os vídeos intitulados, de Ian Neves, "COMUNISMO, NAZISMO E FASCISMO SÃO SEMELHANTES? | Cortes do História Pública", com 695.070 visualizações, e o de Jones Manoel, "Che Guevara: monstro ou herói revolucionário?", com 393.812 visualizações. Os números referem-se ao dia 24 de outubro de 2024. Ambos os comunicadores abordam temas de grande apelo, desafiando o senso comum reacionário alimentado por falácias sobre as experiências do socialismo real. As questões levantadas por eles geram identificação com o público, uma vez que essas dúvidas são genuínas e frequentes entre aqueles que já tiveram algum contato inicial e superficial com o tema do comunismo.

A partir da análise da transcrição do vídeo de Ian Neves, realizada com o *Voyant Tools*⁶ foi possível identificar nove temas principais, todos com dez ou mais menções. O mais frequente foi "classe" (21 menções), em torno do qual Neves discute as relações entre a classe trabalhadora e a classe dominante, refletindo uma interdiscursividade com o discurso marxista clássico. Essa abordagem estrutura grande parte de sua argumentação na divisão de classes como eixo de análise.

O segundo tema, "nazismo" (20 menções), relaciona-se diretamente ao título do vídeo e à pergunta feita pelo entrevistador. Neves se opõe vigorosamente a falsa equivalência entre comunismo e fascismo, de forma a enquadrar essa linha de pensamento como uma falácia anticomunista. Ele ressalta a natureza antagônica entre essas correntes, argumentando que são dialeticamente opostos, com a única semelhança sendo seu caráter de massas - em contraste ao liberalismo, preso às instituições e incapaz de despertar engajamento significativo na classe trabalhadora. O termo "massas" (10 menções) reforça essa ênfase mobilizadora. Segundo Neves, o fascismo emerge como alternativa para trabalhadores desiludidos com a democracia liberal mas não politizados para identificar o capitalismo como raiz de sua opressão, servindo estrategicamente aos interesses da classe dominante no enfrentamento do comunismo.

"Capitalismo" (14 menções) é outro termo estruturante de sua fala, sendo relacionado às crises econômicas e sua relação com a ascensão fascista. "Crise" (10 menções) aparece associado a colapsos econômicos e também a reações políticas fascistas. A dimensão histórica da fala de Ian reflete-se no uso da palavra "começa" (12 menções), demonstrando aplicação do método materialista histórico-dialético ao situar processos sociais. O termo "burguesia" (11 menções) é utilizado enfatizando seu papel central na liderança capitalista. "Sentimento" (10 menções) é utilizado ao discutir nacionalismo e chauvinismo como fenômenos ideológicos interligados ao fascismo. O contexto brasileiro ("Brasil" - 10 menções) permite a Neves relacionar o bolsonarismo ao fascismo clássico. Neves faz uma única menção a Cuba, abordando o nacionalismo revolucionário, permitindo observar interdiscursividade com o vídeo de Jones.

Quanto às estratégias retórico-comunicacionais, Neves emprega argumentação lógica embasada em narrativa histórica rigorosa, utilizando sua experiência pedagógica como elemento retórico para desconstruir falácias. Ele rebate a falsa equivalência

⁶ Os resultados da pesquisa realizada com o *Voyant Tools* podem ser acessados aqui: <https://voyant-tools.org/?corpus=6cd488edd9f7053b2f66800f15d70d97>. Acesso em: 20 jun. 2025.

nazismo-comunismo apontando como o nazismo é defesa extrema do capitalismo, ressaltando esquecimentos deliberados como o apoio de conglomerados capitalistas ao regime nazista. Além disso, ele utiliza de perguntas retóricas e simulação de diálogo com o público, buscando proximidade. O formato “corte de podcast”⁷ pode ser atrativo por ser uma simulação conversa com o público, com respostas a dúvidas do senso comum sobre o tema do comunismo. Sua estética e postura incorporam a figura discursiva de um interlocutor jovem, o que potencialmente aumenta sua atratividade para esse público. Figuras de linguagem como o aforismo “antes da gente criar a Itália, precisamos criar o italiano” concatenam ideias em frases memoráveis.

No vídeo de Jones Manoel⁸, os focos temáticos diferenciam-se dos de Ian Neves, até por tratar-se de outro tema. Termos como “Che” (37 menções), “Guevara” (32 menções) e “revolução” (15 menções) refletem o tema do vídeo e o caráter histórico da análise feita por Manoel, que foca, dentre outras coisas, na importância de Che Guevara como símbolo revolucionário. Jones concentra-se na contextualização e refutação das acusações contra Guevara (assassino, homofóbico, racista), considerando o contexto revolucionário. A palavra “cubana” (8 menções) frequentemente está associada à expressão “Revolução Cubana”, reforçando a ligação direta com a temática revolucionária, que ocupa um lugar de destaque em seu discurso. O termo “América” (9 menções) refere-se à América Latina, sendo recorrente na análise histórica apresentada pelo comunicador. Já “luta” (8 menções), “anti” (8 menções) e “colonial” (6 menções) compõem a expressão “luta anticolonial”, sendo utilizada para destacar o combate de Guevara ao colonialismo e seu viés internacionalista, sobretudo na África – argumento utilizado para contestar a acusação de que Che seria racista. A presença dessas palavras sugere que Jones não apenas busca defender a figura de Che Guevara contra acusações históricas, mas também reconectar seu legado com as lutas atuais contra a opressão e a dominação imperialista.

O uso do termo “verdade” (6 menções) revela uma disputa em torno do que o senso comum entende como verdade sobre o tema. Por meio de fontes e do materialismo dialético, o discurso confronta entendimentos simplistas da questão. Os termos “mundo” e “mundial” (6 menções cada) remetem a uma discussão de escopo global, abordando

⁷ Trecho curto e selecionado extraído de um episódio completo de podcast.

⁸ Os resultados da pesquisa realizada com o Voyant Tools podem ser acessados aqui: <https://voyant-tools.org/?corpus=fc967694fb4fcfc78111a5bede9e66b2>. Acesso em: 20 jun. 2025.

tanto as lutas contra-hegemônicas quanto as ofensivas imperialistas. Esses dois termos servem, ainda, para discutir o impacto planetário do legado de Che, particularmente sua influência nas lutas anticoloniais em diferentes regiões do globo.

Jones Manoel desloca o foco das acusações contra Che Guevara para uma análise materialista histórico-dialética, similar à feita por Neves. Ele contextualiza primeiro o cenário sociohistórico de Guevara como líder revolucionário, priorizando apresentar seu papel na luta anticolonial e anti-imperialista, mais do que “refutar” diretamente acusações como a de ser um “assassino sádico”. Jones emprega prioriza recursos retóricos como explicações históricas e lógica para evidenciar a “má-fé” dos opositores. Ele afirma que “o autor sério e comprometido com a pesquisa histórica, ao fazer a citação, ele vai sempre referenciar a página e o volume das obras completas para o leitor conferir se a citação é verdadeira”⁹. Ao apontar que acusações de racismo/homofobia carecem de citações devidamente fundamentadas, ele rebate os ataques e inverte o ônus da prova, sugerindo que quem acusa deve primeiro fundamentar suas alegações com base sólida.

Jones faz autocrítica em relação à Revolução Cubana e à postura de Che em relação à homofobia. Ele reconhece que Che fez declarações homofóbicas e que, inicialmente, a revolução cubana reproduziu práticas homofóbicas. No entanto, ele também destaca os avanços e as autocríticas feitas pelo Estado cubano nas últimas décadas, que culminaram na aprovação de um Código das Famílias¹⁰ considerado progressista em relação à pauta LGBTQIAPN+. Essa legislação legaliza o casamento entre pessoas do mesmo sexo e aborda questões correlatas, muitas ainda pouco discutidas em países capitalistas. Isso demonstra que o movimento comunista pode evoluir e corrigir erros históricos, desafiando a ideia de rigidez das experiências socialistas por parte do senso comum. Além disso, Jones faz uso de recursos didáticos, como convites à imaginação e o uso de comparações históricas, para tornar suas argumentações mais acessíveis, evocando o contexto do colonialismo e do neocolonialismo, buscando situar esse contexto no imaginário do espectador.

Por fim, Jones evoca sua identidade como homem negro, utilizando essa experiência para argumentar que Guevara lutou contra a barbárie colonial na África e, por

⁹ Minutagem: 6:47.

¹⁰ “Cubanos aprovam Código das Famílias que legaliza casamento gay”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/codigo-da-familia-que-legaliza-casamento-gay-em-cuba-e-aprovado-com-66percent-dos-votos-em-referendo.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2025.

isso, merece o respeito de negros e negras que enfrentam o racismo. Ele afirma: “Che Guevara é uma referência para todos os povos, inclusive para nós, negros e negras, que combatemos o racismo e queremos uma sociedade efetivamente igual para todos”¹¹. No entanto, é importante ressaltar que ele não se alinha necessariamente ao que se costuma denominar de “postura identitária”, uma vez que ele não atribui uma ênfase excessiva a esse aspecto. Ao contrário, ele menciona a identidade racial como parte de um projeto revolucionário mais amplo e interconectado com a luta socialista e dos povos oprimidos.

Conclusão

Em conclusão, a análise dos temas e das estratégias retórico-comunicacionais mobilizados por Jones Manoel e Ian Neves revela similaridades que refletem suas formações e objetivos políticos nas plataformas digitais. Como historiadores, ambos empregam a análise materialista histórico-dialética para desconstruir noções anticomunistas do senso comum, evidenciando a luta de classes e criticando o capitalismo e fascismo. Essa estrutura discursiva revela uma intenção pedagógica clara: em vez de simplesmente expor fatos históricos, ambos visam provocar reflexão crítica sobre as narrativas dominantes, desafiando os espectadores a reavaliar suas próprias percepções, buscando o que Gramsci chama, segundo Coutinho (1992, p. 106), de uma “reforma intelectual e moral”, se apropriando do entendimento distorcido do senso comum e rebatendo-o.

A interdiscursividade entre suas abordagens no combate a falácias anticomunistas reforça uma coesão entre as mensagens e promove um engajamento que fortalece uma linha discursiva de resistência política contra a hegemonia capitalista. Suas estratégias comunicativas, intencionais ou não, alinham-se ao materialismo histórico-dialético, contribuindo para a divulgação da ideologia comunista. Ambos exploram temas relevantes e em destaque nas épocas em que os vídeos foram publicados, marcados por falácias anticomunistas difundidas no senso comum, e utilizam recursos linguísticos que aproximam suas mensagens do público, como figuras de linguagem, comparações e simplificações estratégicas para efeito retórico e comunicativo.

Apresentando conceitos clássicos do marxismo em formatos acessíveis e com elementos atraentes, esses comunicadores se afirmam como produtores culturais

¹¹ Minutagem: 12:12.

engajados na disputa pela hegemonia dentro do contexto plataformizado, com potencial comprovado pelos números, apesar de estarem em um ambiente extremamente desfavorável. Ao se conectar com a juventude, promovem uma disputa contra hegemônica em espaços digitais da ordem, como demonstra a presença massiva de comunicadores e veículos da direita tradicional e da extrema direita.

Referências

AMÂNCIO, M. F. **Ação contra-hegemônica em rede**: comunicadores marxistas no Brasil. Orientador: Maximiliano Martin Vicente. 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, P. N. Hegemonia e engajamento em contexto de mediatização e plataformização. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 2, e6066, 2022.

CARVALHO, J. LENIN seria TikTok! Entenda porque PRECISAMOS OCUPAR ESPAÇOS! #Shorts #DLShow #JoãoCarvalho. FotosdoRapha. Youtube. 12/12/2024. 51s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYRXQlgAZUE>. Acesso em: 07 jul. 2025.

COUTINHO, C. N. **Gramsci**: Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1992.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 307–329, 2012.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRESPLAN, J. **Marx**: Uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.

KARHAWI, I.; GROHMANN, R. Struggling with platforms: Marxist identities, cultural production, and everyday work in Brazil. **International Journal of Cultural Studies**, v. 28, n. 1, p. 1-18, 2024.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2017.

MORAES, D. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. [s. l.]: Pontes, 2007.

POELL, T.; NIEBORG, D.; DIJCK, J. V. Plataformização. **Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, 2020.